



Entrevista com Carla Bastos dos Santos

Entrevista: Vicente Fonseca

Fotos: Ramon Moser

Transcrição e revisão: Nicole Maciel

Revista da Extensão: Como se deu o início da tua trajetória na UFRGS?

Carla Bastos: Eu vim para a UFRGS por redistribuição do quadro de servidores com o fechamento da Delegacia do MEC nos estados. Fiz o concurso para Técnica em Assuntos Educacionais na DEMEC, que era a representação do Ministério aqui no Estado. Funcionava ali no prédio onde hoje é a Escola de Administração. Era um trabalho bom.

Revista da Extensão: Quando foi isso?

Carla Bastos: Fiz o concurso e logo assumi na DEMEC em 1994. Eu me formei muito cedo, com 20 anos, em Letras, na Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), e em 1991 já vim para Porto Alegre, para fazer especialização em Literatura na PUCRS. Comecei o mestrado em Teoria da Literatura e parei. Daí comecei o mestrado em Literatura Brasileira, na UFRGS. Como na graduação eu era monitora de Teoria da Literatura, então o caminho natural era seguir estudando literatura. Só que eu não me achei nisso. E foi nesse tempo que eu fiz o concurso. Aí larguei o mestrado mesmo e fiquei só trabalhando ali. Só depois que vim para o quadro da UFRGS é que retomei, já com um pouco mais de maturidade, e fiz o mestrado e o doutorado, mas daí, em Linguística. Mas na DEMEC era um trabalho interessante. Comecei na Assessoria de Planejamento e Informática, setor em que eu

elaborava os relatórios e planos anuais. E hoje ainda faço isso no contexto da PROEXT (risos). Lá ainda eu fui para um setor que trabalhava com os convênios com os municípios (de merenda escolar, livros didáticos, ampliação de escolas) e viajávamos até os municípios. E isso, para mim, foi já uma escola para a UFRGS. Lá nós precisávamos ser muito isentos, porque atendíamos Secretários de Educação e prefeitos dos municípios do Estado, independente de partido. Quando a Delegacia do MEC fechou, em dezembro de 1998, eu ainda fiquei na comissão de fechamento, fazendo o relatório institucional. O mais óbvio era irmos para a Universidade, porque era o mesmo Ministério. Mas eu não queria vir para a UFRGS, porque, para mim, aqui era uma coisa fechada. Eu não conseguia me ver aqui. Então eu pedi para vir para a Extensão. Porque, se era para vir para a Universidade, queria vir para algum lugar que fosse, assim, “olhando para fora”. O que eu conseguia pensar era: “bom, de repente a extensão me proporciona isso, né.”

Revista da Extensão: E como foi o início da tua trajetória na PROEXT?

Carla Bastos: Eu iniciei no DEDS (NR: Departamento de Educação e Desenvolvimento Social), em maio de 1999. O alto do Departamento, na época, era o Projeto Convivências. O Convivência Rural realizava ações em assentamentos, coisas assim. E eu comecei, então, a trabalhar com o Convivência Urbana, acompanhando o

Extra Muros, nos extraclases na Vila Cruzeiro e na Glória, com nomes como Laura Fonseca e Luciana Velhinho, da FAGED, com Luciane Calil, da Farmácia, Gema Piccinini, da Enfermagem. Mas eu me envolvi mais foi com o Convivência Saúde, que estava começando naquele ano. Nele estavam Jorge Buchabqui, da Medicina, Cíntia Pontes, da Farmácia, Miriam Palma, da ESEF (NR: antigo nome da ESEFID, Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança da UFRGS), Vera Portela, da Enfermagem, e depois a Clary Sapiro, da Psicologia. A proposta desse grupo era levar alunos para atuarem nos postos de saúde do Grupo Hospitalar Conceição. Eu atuei na parte do convênio com o GHC e na organização dos grupos interdisciplinares de alunos da graduação. Então, ali eu já conheci um pouco da Universidade, em como trabalhar com as IAPs (NR: sigla para “Interações Acadêmicas”), que não época não tinham esse nome, passar em vários órgãos, como fazer um convênio, como colocar os alunos desde primeiro, segundo semestre nas unidades de saúde no período de férias. Trabalhei com a questão da interdisciplinaridade, da importância disso para o aluno, de depois eles fazerem alguma produção, de eles trabalharem direto com a comunidade. Tudo isso, para mim, foi um contato de início com a extensão, e que depois a gente viu formalizado nas diretrizes da Extensão nacional. Era exatamente o que esse grupo fazia.

Revista da Extensão: A tua intenção, quando tu entraste aqui, era que a Extensão te permitisse esse olhar para fora da UFRGS. Passados esses 25 anos, tu achas que a Extensão realmente te proporcionou isso?

Carla Bastos: Sim, acho que me colocou num trabalho em que se olha para fora, mas não sou eu que vou lá. Eu não sou a extensionista que vai à comunidade, eu sou da área meio. Eu vejo o nosso trabalho assim, proporcionando isso. Mesmo no Convivências eu não ia a campo com as equipes, só mesmo nas reuniões iniciais, mas eu estava por trás das equipes, justamente vendo o que é que precisavam. Eu acho que

nesse sentido, sim, a Extensão me proporcionou isso, porque a Extensão permite trazer o que tem na Universidade junto à comunidade e buscar da comunidade. Então, eu nunca quis de fato sair da PROEXT. Eu já pensei em ir para a Editora e teve uma vez que eu pensei em ir para uma COMGRAD, pensando em trabalhar mais diretamente com alunos, mas na verdade eu sempre achei que meu lugar é aqui. Nesse sentido, fico satisfeita. Eu sei que isso pode soar estranho, numa Universidade tão grande eu ficar tanto tempo no mesmo lugar, mas aqui sempre é diferente, sempre é muito dinâmico. Outra coisa que eu percebo é que a Extensão me traz uma forma de respeitar o outro, também. Isso eu acho que eu aprendi bastante nesse tempo aqui. De respeitar o outro, no sentido cristão. Eu sou evangélica, quero seguir o padrão de Jesus. E a gente sabe que é um padrão alto. E vejo que a Extensão me proporcionou eu saber servir, conviver e amar aquele que é diferente de mim. Acho que o trabalho aqui me proporcionou um crescimento pessoal nesse sentido, de saber distinguir quem é a pessoa por trás do que ela mostra, junto com toda a bagagem que ela traz. Então, não interessa se eu vou tratar com alguém da Extensão pensando se ela faz uma extensão de um posicionamento mais empresarial ou então se faz uma extensão mais comunitária, “pé no barro” mesmo. Não importa o que a pessoa pensa, se a pessoa é de um partido ou de outro, de um posicionamento ideológico ou de outro. Não me interessa isso. Interessa o outro que está ali, a pessoa que está na minha frente e o respeito ao trabalho que está fazendo.

Revista da Extensão: A Extensão te tornou mais empática, então? Ou te fez conviver com pessoas diferentes e isso te despertou mais esse lado?

Carla Bastos: Ela me fez viver isso na prática. Não é uma questão teórica eu dizer que eu respeito ou que eu amo aquele que pensa diferente de mim. Não. Para mim, é na prática. Porque na teoria pode ser fácil dizer. Outra coisa



é conviver, no dia a dia, atender uma pessoa e saber que o ponto de vista dela pode ser diferente do meu. E eu ofereço o meu trabalho independente disso, porque posso ver que há uma riqueza em cada um.

Revista da Extensão: Parece que, em geral, a gente evoluiu nesse sentido. Tu achas que a gente evoluiu aqui dentro da UFRGS ou até fora dela com relação a isso?

Carla Bastos: Não acho que tenha como se medir isso. Eu acho que é um exercício pessoal mesmo. É uma questão pessoal e não uma questão de massa. Eu prefiro valorizar o indivíduo e pensar como é um posicionamento meu, sem cobrança ou avaliação em relação às outras pessoas.

Revista da Extensão: Tu entraste na Pró-Reitoria de Extensão em 1999. Como era o cenário da Extensão da UFRGS naquele momento?

Carla Bastos: Eu vim para a UFRGS num

momento importante da Extensão. Foi na época do Professor Coelho (NR: Luiz Fernando Coelho de Souza, pró-reitor de Extensão da UFRGS entre 1996 e 2001), em que ele era presidente do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão, o FROPROEX, quando o Fórum estava justamente pensando sobre as políticas de extensão, trazendo as primeiras publicações. Eu cheguei aqui em 1999 e já em 2000 ele me convidou para começar o que seria hoje a Assessoria Técnica. Ele propôs que fosse como um lugar de acesso do extensionista à PROEXT, que não ficasse sempre na dependência da agenda com ele, mas que, então, os extensionistas tivessem, assim, com quem conversar aqui, com quem articular, e, então, nós verificarmos o que a gente poderia fazer pelos extensionistas. Depois passamos a visitar as Comissões de Extensão das unidades acadêmicas. Visitávamos uma, visitávamos outras, e isso foi muito bom no sentido de eu passar a conhecer as unidades, de aproximar a Extensão delas, de ver e ouvir suas realidades, coisa que a gente está pretendendo fazer de novo agora. Nesse meio tempo, o sistema de protocolo na UFRGS estava deixando de ser físico, passando para o digital.

Então, o que era o setor de protocolo passou a trabalhar com o registro. Os primeiros registros digitais de extensão eram por formulários em papel. Chega a ser engraçado dizer assim, mas não havia nenhum banco de dados para isso como se tem hoje. A gente fazia pelo Access (NR: software da Microsoft de formulários eletrônicos), com a ajuda de bolsistas da antiga Escola Técnica da UFRGS. A gente recebia aqueles processos físicos com os formulários em papel, muitas vezes preenchidos à caneta, e cadastrávamos ali nos campos que eles tinham colocado. Aí, em 2001, houve uma grande greve. E foi bem o período da primeira avaliação departamental para a alocação de vagas docentes. O Professor Meirelles (NR: Fernando Setembrino Cruz Meirelles, pró-reitor de Extensão da UFRGS entre 2001 e 2004) ainda era o vice-pró-reitor na época, e nós fizemos aquilo à mão. Então, no meio de uma greve, a gente buscava os processos no Protocolo e registrávamos quantas horas cada docente, cada departamento realizava. Tudo à mão! No final de 2001, no encerramento daquela greve, vieram duas colegas para cá, que também tinham vindo de outro órgão para a UFRGS, a Margarete Ross, que antes também estava no DEDS, e a Cláudia Oliveira, que estava na PRORH (NR: Pró-Reitoria de Recursos Humanos, antigo nome da Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas - PROGESP - e

da Superintendência de Gestão de Pessoas - SUGESP). Elas vieram compor a equipe: elas duas na parte da Assessoria, que trabalhava mais com a questão de planejamento e de pensar os eventos, e eu mais na parte de registro e acolhida dos extensionistas. Depois veio a Helenara, da Rádio, que na época também pertencia à PROREXT. Fisicamente, nós ficávamos em salas separadas, somente ao longo de 2003, é que nos juntamos. Em 2004, quando eu saí para o mestrado, veio a Ângela Iähnig, do Planetário, e que também tinha sido da DEMEC. Quando vieram essas outras colegas é que nós encorpamos, assim, o que é hoje a Assessoria Técnica.

Revista da Extensão: Esses foram os movimentos que antecederam o Sistema de Extensão?

Carla Bastos: Sim, estávamos vivendo o início desse processo. Precisávamos fazer um sistema de extensão. Não podíamos ficar contando manualmente as horas docentes, ter os registros apenas em Access e colegas de outro setor da PROREXT fazendo manualmente os certificados de extensão. Era um trabalho braçal desumano, assim, de poucas pessoas. E aquilo aconteceria sempre, todo o ano e todos os anos. Foi ainda em 2001 que nós começamos um trabalho de modelagem do sistema lá no CPD (NR: Centro de Processamento de Dados da UFRGS).

Nós íamos com frequência para lá. Todos os setores da PROREXT participavam e o presidente da Câmara também. Então, a partir disso se pensou no Sistema de Extensão. Vimos o que precisava constar no sistema, e nós já colocamos que, além do registro, era necessário inserir a tramitação de aprovação das Atividades. Então, em 2002, acho que em setembro, entrou em vigor o Sistema de



Extensão. Inicialmente nós ainda cadastrávamos os processos que chegavam com os relatórios para emissão dos certificados, para não se perderem aquelas informações de 2002 e início de 2003. Mas os projetos novos já começaram a ser registrados pelos próprios coordenadores.

Revista da Extensão: Foi um período de grandes mudanças...

Carla Bastos: Sim, porque naquela época também estava se propondo uma alteração da norma de extensão então vigente. Fui convidada a participar das discussões sobre a nova norma na Câmara de Extensão. E o FORPROEX (NR: Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão) também estava pensando em diretrizes de extensão, política de extensão, classificação, quais são os tipos de atividades de extensão. Tudo isso foi surgindo junto, ao mesmo tempo. E então houve o Salão de Extensão.

Revista da Extensão: Sim, tu entraste na PROREXT no ano do primeiro Salão de Extensão.

Carla Bastos: Eu cheguei aqui meses antes do evento, mas fui participar mesmo do Salão de Extensão lá da quarta edição, eu acho. Porque nos primeiros, realmente, eu participei mais aprendendo, conhecendo ainda a UFRGS. E quando vieram as colegas para cá, elas abraçaram um pouco mais isso e nós começamos a trabalhar com as apresentações orais. Esse trabalho passou a ficar conosco e agora temos as Tertúlias. Mas tudo ainda muito manual. Nos períodos de organização do Salão, nós trabalhávamos demais. Não tinha sábado, não tinha domingo. Hoje em dia a gente faz tudo pelo Sistema e pelo Excel. Na época, a gente usava eram planilhas em papel, abertas em cima da mesa. Eu literalmente vi passar do papel para o sistema.

Revista da Extensão: A digitalização da extensão ocorreu justamente na virada do século. Uma coisa bem emblemática e simbólica, se formos pensar.

Carla Bastos: Sim! Ali por 2001, 2002... Muito do que se tem hoje da extensão começou a se configurar naquele período.

Revista da Extensão: Essa seria a principal mudança, que tu presenciaste nesses 25 anos? Como é que tu enxergas essa evolução da extensão? É um quarto de século, penso que é muita coisa.

Carla Bastos: Além desta questão, que tu chamaste de digitalização, eu acho que ocorre um amadurecimento da noção de Extensão. Naquela época se dizia que a extensão era o “primo pobre” e não se tinha muita clareza do que era Extensão. Então, qualquer coisa que não era ensino, que não era pesquisa, queriam enquadrar na Extensão. Considero que a principal mudança que aconteceu é a visão: a extensão universitária foi consolidada com uma identidade. Agora a gente tem clareza de um conceito, temos uma concepção de extensão. E eu acho que a concepção que a UFRGS tem de extensão é muito boa nesse sentido, muito positiva. É a noção das diretrizes que pautam a extensão. Depois, mais tarde, veio a questão de a UFRGS ter uma política de extensão da Universidade. Isso tudo foi um trabalho construído pelos extensionistas, por aqueles que fazem extensão mesmo. E eu vejo isso como muito positivo. A UFRGS tem uma clareza de que a Extensão é o contato com a sociedade, em um viés bidirecional, de que é importante para a Universidade a contribuição da sociedade. E é uma das possibilidades, oportunidades, de a sociedade chegar e “desencastelar” a Universidade. A extensão proporciona isso: trazer os mais diferentes segmentos sociais, as mais diferentes comunidades, para o fazer acadêmico. A Extensão não é o assistencialismo de chegar lá e levar e aplicar o conhecimento que a gente tem. E quando se vai hoje para o conceito, para a concepção de extensão, sabemos que é a democratização do conhecimento acadêmico e a produção do conhecimento com base no que a comunidade diz, com a intervenção da sociedade. Eu acho que isso foi construído nesse tempo.

Revista da Extensão: A Reforma de Córdoba, que criou o conceito de extensão universitária na América Latina, é de 1918. Por que nós levamos mais de 80 anos para chegar a esse amadurecimento?

Carla Bastos: Primeiro, eu penso que a mudança sempre é difícil. E a mudança depende de um posicionamento integral da pessoa. De estar disposta a encarar desafios também. E de aceitar o que o outro tem a ensinar. De valorizar o conhecimento do outro. E querer aprender com o outro. Acho que isso demora um pouco.

Revista da Extensão: A universidade calçou a “sandália da humildade” um pouquinho, passou a admitir que o conhecimento ficava muito encastelado? A universidade passou a olhar com mais respeito, digamos assim, o saber da comunidade?

Carla Bastos: É, e passou a ter consciência de que realmente isso é positivo. Que há espaço na universidade para os mais diferentes segmentos sociais. E a extensão é interessante porque também tem a diversidade toda: de oportunidades, de possibilidades, de manifestações diferentes. Tu tens um tipo de extensão como um curso, em que, teoricamente, tu vais levar um conhecimento, mas na prática, o curso também se abre para a troca. E tu tens também uma extensão que é um projeto de contato com a comunidade, noção social mesmo. Mas outro fator que eu vejo como muito importante na extensão, além dessa questão da identidade da extensão com concepção, diretrizes e política claras, é a noção acadêmica. Para mim, podermos viver isso é o grande ganho desses anos. Porque a extensão é cultura, mas ela não é só cultura. Ela não é só eventos e espetáculos. A extensão é acadêmica. E isso também ao proporcionar momentos culturais à comunidade ou ao trazer a cultura da comunidade para dentro da universidade. E Se a universidade tem por fim maior a formação do estudante que entra aqui, a extensão é a produção do conhecimento também. Ela é importante na formação do aluno. Esse é o maior ganho que

se tem. Essa valorização, essa clareza de que faz diferença o aluno fazer extensão. O aluno que faz extensão pensa diferente, conversa, tem uma visão de mundo, de realidade, que é construída na sua formação acadêmica. Ela se constrói com esse contato com a realidade. Valorizar isso, reconhecer dentro da universidade a importância acadêmica da extensão na formação do aluno é um ganho bem importante. A extensão é, sim, uma oportunidade de realização do compromisso social da universidade. Agora, é ver também como uma oportunidade na formação do aluno. Isso é importante. Assim, antes tu tinhas na UFRGS uma norma de prestação de serviço, agora tu tens uma norma de interações acadêmicas. E o que faz essa diferença? Por que é interação acadêmica? Porque tu também precisas reconhecer que não estás só prestando serviço, tu não estás indo lá, atendendo a uma demanda da comunidade, simplesmente. Mas tu também estás indo como uma instituição que é para a formação de alunos, que é acadêmica, então tu precisas interagir nisso. Também no Salão de Extensão a parte acadêmica precisava se mostrar mais, e vemos que isso já acontece. Ela cresceu nesse aspecto. E cresceu também pelas tertúlias, por exemplo, a partir de 2011, 2012. Aquele momento também foi muito importante.

Revista da Extensão: As tertúlias começaram a partir do CBEU (NR: Congresso Brasileiro de Extensão Universitária), sediado pela UFRGS em 2011, certo?

Carla Bastos: Naquele momento eu não estava aqui. Em 2011 eu estava afastada, terminando o doutorado. Mas no ano seguinte eu já estava de volta, e aí a proposta foi trazer as tertúlias para o Salão de Extensão, mas com uma visão diferente. A tertúlia começou como um embate, era um embate de ideias, mas quando nós a trouxemos para o Salão de Extensão, em 2012, já fizemos de uma forma diferente, no sentido de ser uma contribuição mais positiva para as Atividades de Extensão. Antes o objetivo era conhecer todos os projetos que participavam daquela sessão, para

depois inquirir alguma coisa. Agora, não: agora é para contribuir e ver no que aqueles outros projetos podem contribuir para o meu. Passa a ser uma ideia muito mais de aliança, de formação de alianças, e isso de fato aconteceu.

Revista da Extensão: Inclusive com trabalhos de fora da UFRGS, muitas vezes, certo?

Carla Bastos: Sim, trazendo outras universidades para cá. Então, tu passas a ver trabalhos que aconteciam entre duas ou até três universidades, ou projetos da própria UFRGS que começaram a se conhecer ali. Projetos que aconteciam aqui, mas as pessoas não sabiam disso. Já vi até pessoas de uma mesma unidade se conhecerem no Salão de Extensão, descobrindo ali o que o colega faz. Então, é sobre proporcionar esses tipos de projetos que nasceram em função de alianças, que se formaram numa roda de conversa, de tertúlia. “O meu projeto se aproxima do teu, não é no tema específico, mas alguma coisa nós podemos fazer juntos.” É bonito ver isso, né?

Revista da Extensão: Dá então pra se dizer que o amadurecimento da extensão começa lá no final do século 20, início do 21, com a criação do Salão e do Sistema de Extensão, passa pela política e norma de 2003, evolui com a política de 2012 e, então, teria o passo definitivo para esse amadurecimento a valorização acadêmica que a inserção curricular traz agora? Ou ainda temos um caminho mais longo a percorrer neste sentido de maturidade?

Carla Bastos: Ah, sempre temos um caminho, né? Primeiro destacar que a valorização acadêmica da Extensão é anterior à inserção curricular. Vejo que tudo isso caminhou junto. E saber que a inserção curricular também é processual. Porque, na verdade, ela foi proposta há muito tempo também, em 2014, e é certo que, em nível nacional, a conversa já era anterior. E teve início das discussões na UFRGS lá em 2016, nos Diálogos da Extensão. O que a inserção curricular traz? Ela oportuniza uma ampliação da

possibilidade, da oportunidade da prática extensionista para todos, reconhecendo que a extensão precisa estar inserida nos currículos dos cursos. A inserção curricular ainda precisa ser amadurecida na Universidade, porque nós temos aqui a oportunidade de todas as Atividades de Extensão serem inseridas nos currículos e as horas de atuação constarem no histórico dos alunos. Mas a inserção curricular trouxe a questão para dentro do Ensino com mais clareza, que é a carga horária de extensão, a CHE, como prática extensionista dentro do Ensino. E isso precisa também crescer. Foi positivo também no sentido de trazer uma aproximação maior entre PROGRAD e PROEXT. Era natural que o movimento comesse na extensão e que a parte do ensino fosse mais reticente, e isso de modo geral, em todas as universidades. E veja que nós conseguimos vencer isso, num trabalho em parceria entre as pró-reitorias e agora alcançando as unidades. Mas, sim, há muito o que se fazer ainda.

Revista da Extensão: Reticente por questão de créditos? Esse tipo de problema?

Carla Bastos: Eu acho que um pouco é.

Revista da Extensão: De enxergar como uma espécie de “concorrência” entre ensino e extensão, alguma coisa assim?

Carla Bastos: Não, concorrência eu acho que não, mas de ter de abrir mão de horas. Porque, como a proposta era não ampliar o número de horas dos cursos, teria então que se adequar horas dos cursos. Além disso, muitos professores que não eram extensionistas estão se envolvendo com a Extensão. É interessante, porque a pessoa faz extensão e se envolve, se apaixona por ela. Faz porque gosta e gosta porque faz. E aqueles que não conheciam a Extensão talvez até tivessem uma barreira. E a inserção curricular acaba mexendo um pouco com isso. É, sim, um novo desafio, em que as pessoas que até então não conheciam a Extensão agora passam a se permitir.

Revista da Extensão: Essa questão da valorização da extensão como progressão para técnico-administrativos, ou de maior valorização acadêmica para docentes, talvez seja o próximo passo, certo? A extensão está ocupando seus espaços e isso vai precisar ser considerado em algum momento, não?

Carla Bastos: Eu sempre gosto de deixar essa fala bem clara. A questão de que a extensão vale pros docentes, certo? Porque, de alguma forma, isso pontua para os docentes, em termos de desempenho e avaliação. Agora, para técnicos, a Extensão não conta. Na avaliação de técnicos-administrativos na Universidade, não conta a produção. E as pessoas não sabem disso. Técnico que faz extensão é pelo compromisso que tem com a extensão, porque não pontua nada para a sua carreira. Não falo na valorização pessoal, mas na sua valorização em termos de progressão. Nesse sentido, o técnico não ganha nada com a extensão. Eu vi diminuir muito o número de técnicos envolvidos com a extensão por conta disso. O número de técnicos também diminuiu quando nós tivemos aquele edital nacional, o PROEXT/MEC, com a exigência de ter um docente no projeto, ou melhor, que ele fosse coordenado por um docente. Mas na UFRGS, os técnicos coordenam Atividades de Extensão desde 1994. E isso se tem até hoje, felizmente. Mas a exigência nacional de ser docente na época do PROEXT, e agora também da inserção curricular, parece que intimida um pouco a atuação dos técnicos. E o fato de que para docentes conta como progressão funcional e para o técnico não, também afeta de alguma forma. Esse precisa ser um momento de dizer também que realmente técnico faz extensão com qualidade. Nós temos técnicos qualificados na Universidade, e em todos os seus fazeres. A Extensão é beneficiada pela atuação dos técnicos, a Universidade é qualificada, mas lamentavelmente os técnicos não têm uma contrapartida em progressão funcional por sua atuação na Extensão.

Revista da Extensão: Essa discussão me parece

mais ampla. As normas da Universidade não evoluíram junto com a evolução de qualificação que os técnicos tiveram nesse período. O perfil do técnico-administrativo mudou muito. Grande parte hoje tem até pós-graduação, mas as normas não acompanharam essa evolução em termos de qualificação formal da categoria.

Carla Bastos: Sabemos que a avaliação do aluno é de competência docente, e não do técnico. A avaliação. Mas podemos falar aqui em orientação. E isso é pouco reconhecido. O técnico que é o jornalista poderia orientar alunos do Jornalismo. O técnico que é arquiteto, ele poderia orientar os da Arquitetura. Por ser um profissional, ele poderia orientar dentro da sua área. Agora, bom, a avaliação do aluno fica com o docente. Mas em termos de ser orientador, isso seria possível.

Revista da Extensão: E a respeito da avaliação da extensão? Esse foi outro desafio que enfrentaste na tua trajetória.

Carla Bastos: A avaliação sempre, de alguma forma, esteve presente. Porque já há muito tempo se coloca que, na proposta da Atividade de Extensão, é preciso apresentar os indicadores de avaliação. Há muito tempo atrás, era confundido com a avaliação dos participantes, mas não é isso: é a avaliação da Atividade pela equipe, pelos extensionistas, por aqueles envolvidos no planejamento e execução das atividades. Com o tempo, a avaliação foi ganhando mais espaço na extensão e, lá em 2013, nós fizemos um seminário aqui na UFRGS, um evento grande, sobre avaliação da extensão. Tivemos uma convidada externa pelo FORPROEX e vieram participar aqui não só pessoas da UFRGS, mas extensionistas da UFCSPA e também da UFPEL. Tivemos um bom debate sobre três aspectos: o monitoramento da extensão, que é feito constantemente pelos coordenadores e equipe, o acompanhamento (pelas comissões) e, ao final, a avaliação da extensão. Outro processo bem importante da avaliação da extensão é o Programa de Bolsas, porque ali se tem um questionário, com critérios

e pontuações de avaliação da extensão que atendem aos conceitos, à política e, especialmente, às diretrizes de extensão universitária, além de aquilo que se espera especificamente também da atuação dos bolsistas, mas sempre com base nessas diretrizes. Esse questionário tem sido feito e reconstruído sempre por uma comissão formada pela PROEXT, Câmara de Extensão e extensionistas das COMEX, com muitas discussões, reflexões maduras. Há uma construção coletiva na Universidade e que aponta para a extensão que queremos, aquela que atende a todos esses critérios. Além disso, desde 2019, eu faço parte da CPA, que é a Comissão Própria de Avaliação da UFRGS, justamente com o objetivo de contribuir para que a Extensão entre na avaliação institucional da Universidade. A CPA está trabalhando em um instrumento inicial, que deve entrar em vigor no ano que vem, para avaliação da extensão pelos participantes, cabendo mais para cursos e eventos. E, depois disso, deve ser, então, construído pela CPA, com a participação da PROEXT, um instrumento de avaliação da extensão por parte dos extensionistas. Esse outro instrumento felizmente também já está em andamento. A CAMEXT já se manifestou com relação a isso, a PROEXT também. Então, esperamos que o segundo instrumento possa ser aprovado no ano que vem, para ser implementado em seguida. Ainda sobre avaliação, eu não sei se, nesses dois anos e meio que me restam, ainda vou ver aquilo que eu gostaria muito de ver, que é termos também dentro da PROEXT, um espaço, um setor específico para trabalhar com a avaliação da extensão, políticas da extensão na Universidade. Entendo que é bem importante isso, mas já nem tenho muita esperança de presenciar.

Revista da Extensão: Dois anos e meio? Então estás por te aposentar?

Carla Bastos: Sim, falta pouco.

Revista da Extensão: Como mensagem final aos nossos leitores, que retrospectiva tu fazes desses 25 anos? O que mais te agregou em

trabalhar na PROEXT?

Carla Bastos: Além de gostar demais da equipe, das pessoas com quem trabalho, colegas e extensionistas, penso que é um privilégio ver toda a evolução da extensão de que falamos há pouco, poder aprender e de alguma forma contribuir com esse processo. Como eu disse, entendo que é importante Wwa visão acadêmica da extensão. E a clareza de trabalhar o que é realmente a extensão. Talvez ainda tenha muito o que se pensar e progredir no âmbito da Universidade. Por exemplo: me incomoda um pouco que a norma de extensão da UFRGS não traga a exigência de alunos na equipe executora dos projetos. Outras universidades já têm isso, mas a UFRGS não. Por incrível que pareça, a única norma da UFRGS que traz a participação de alunos na execução dos projetos como fator que evidencia o caráter acadêmico é a norma de interações acadêmicas. A visão de extensão da UFRGS ainda precisa crescer, precisa amadurecer, precisa reconhecer a necessidade do envolvimento dos alunos. Eu acho que a extensão tende a crescer e a amadurecer mais. E é importante fazer a extensão com a visão do aprender com o outro, seja o outro de uma outra área, seja o outro de uma outra realidade, de uma outra forma de pensar. A extensão proporciona aprender com o outro e isso precisa ser explorado o máximo possível. Há uma expectativa de que a Universidade vá ainda crescer mais, vá amadurecer no sentido da valorização acadêmica da prática extensionistas, dessa construção do conhecimento em conjunto, na interação dialógica que a extensão proporciona e que mais caracteriza a extensão universitária. E a interação dialógica se faz dentro da própria equipe e também da universidade com a sociedade. São visões importantes que apontam ao que ainda se pode progredir.

A troca, essa interação e diálogo contribuem para o crescimento e amadurecimento da extensão que se faz, a extensão que é social e que é acadêmica. A extensão da UFRGS é muito grande, é muito bonita e atende a um público enorme. A gente realmente nem tem a dimensão do quanto ela se multiplica nas comunidades, na vida das pessoas. ◀